

DOENÇA SEM REMÉDIO

Luis Claudio Cicci
Da equipe do Correio

Mais de 24 horas numa fila para marcar consulta com um oftalmologista ou um dermatologista. Depois desse teste de paciência e resistência é que os moradores das cidades de Goiás próximas ao Gama vão saber quando poderão receber tratamento no Centro de Saúde 8. O posto é o único local da cidade reservado à população do Entorno.

Na porta de vidro do Centro de Saúde, um cartaz escrito à mão avisava que, na manhã da segunda-feira, 14 pessoas conseguiriam marcar consultas com oftalmologistas e seis pacientes poderiam saber quando serão atendidos por um dermatologista.

A disputa pelas 20 vagas obriga os candidatos a, pelo menos, dormirem na fila. Eles próprios organizam-se e fazem uma lista de controle para evitar esperas inúteis. Quem chega depois que as listas estão preenchidas é avisado para voltar no mês seguinte.

"As enfermeiras me disseram que tinha de dormir, mas não imaginei que tivesse de chegar tão cedo", lamentou às 23h15 do domingo a dona de casa Lucimar Maria Pires, 41 anos. Para chegar ao centro, vinda

da cidade Lago Azul, ela passou meia hora em um ônibus. Não conseguiu marcar consulta.

A dona-de-casa Eliete Gonçalves de Sousa, 29 anos, chegou às 18h do domingo para ser a décima-quarta e última na lista dos pretendentes a uma consulta com um oftalmologista. "Foi por um minuto", disse aliviada a moradora do Jardim Ingá, a 40 minutos de ônibus do Gama.

NADA MUDA

O vice-diretor do Hospital Regional, Alexandre Câmara, critica o atendimento à população do Entorno em um único centro de saúde no Gama. "Isso é errado, qualquer posto deveria atender à população de fora, mas não se muda uma lógica de 37 anos de uma hora para outra. Já era assim desde antes da gestão do governo democrático e popular", justifica o médico, que ocupa o cargo há quase três anos, mas não conseguiu resolver o problema. "A estrutura é lenta, a realidade é difícil de ser mudada e é preciso acreditar que somos capazes de fazer isso."

Sobre demora e paciência a dona-de-casa Maria de Jesus Batista da Silva, 44 anos, sabe bem. "Quando cheguei, às 6h15 do domingo, o guarda

até reclamou que eu tinha vindo cedo demais", contou na noite de domingo. Antes de ouvir o comentário, ela tinha passado meia hora no ônibus entre a cidade de Lago Azul e o Centro de Saúde. "Lá só tem um posto de saúde com um clínico geral", disse para justificar seu esforço.

A costureira desempregada Dielza Maria da Conceição, 33 anos, trouxe quatro dos seus cinco filhos para a fila, todos com idade entre 1 e 5 anos. "Meu marido está internado com tuberculose, nosso filho mais velho tem prova na escola e não tinha com quem deixar", explicou a moradora do Pedregal.

Desde às 8h do domingo na espera, ela conseguiu o segundo lugar na fila para marcar consulta com o oftalmologista. "Meu filho de 4 anos tem um desvio no olho." A bagagem preparada para enfrentar a jornada era a prova das dificuldades enfrentadas pela família. Dielza levou para a frente do centro um tapete e nenhuma alimentação. "Pedi comida na igreja e me deram uma marmita, lanche para as crianças e uma madeira para o menor e também consegui três cobertores."

■ Leia mais na Página 2

André Correa



Dielza dormiu com os filhos no Centro de Saúde 8 na tentativa de conseguir oftalmologista para o de 4 anos